

**UMA ABORDAGEM TEÓRICA A RESPEITO DOS TIPOS
DE LINGUAGEM CARACTERÍSTICOS
DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Cristina de Fátima de Oliveira Brum Augusto de Souza (UENF)

cristinafbrum@gmail.com

Lucas Capita Quarto (UENF)

lcapitaiv@gmail.com

Juliana da Conceição Sampaio Lóss (UENF)

ju.sampaio23@hotmail.com

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista é uma síndrome que possui como características principais os problemas relacionados ao desenvolvimento da comunicação, socialização e comportamento. Esta síndrome faz com que o indivíduo autista apresente individualidades específicas como dificuldades de se comunicar, padrões repetitivos e movimentos estereotipados. Perante o exposto, o presente trabalho tem como objetivo apresentar uma discussão teórica a respeito do desenvolvimento da linguagem do autista. Como metodologia, recorreu-se a um levantamento bibliográfico. Para tanto, realizou-se uma busca nas bases de dados *Scopus* e *Google Acadêmico*, utilizando os termos “Autismo” e “linguagem”. Os artigos que compõem esse trabalho foram selecionados por meio de uma leitura descritiva. A capacidade de um autista se comunicar e fazer uso da linguagem depende do nível de intensidade do autismo, os níveis 1, 2 e 3 descrevem a gravidade dos sintomas do autista, nas áreas sociais e comportamentais. O autista pode ser verbal ou não verbal. Os autistas verbais conseguem utilizar a linguagem, entretanto muitos apresentam dificuldades na comunicação, na linguagem receptiva e linguagem expressiva, tornando para alguns a comunicação fora do contexto, enquanto os autistas não verbais costumam não desenvolver a fala de forma funcional, esse autista não consegue utilizar a linguagem para se comunicar. As pessoas mais próximas do autista (família, professoras e terapeutas) são importantes para estimular a linguagem ou a forma de comunicação dos autistas, uma vez que existem estratégias que podem ser eficazes para que o autista consiga se comunicar. É preciso destacar que o autista precisa ser estimulado a interagir com o mundo externo.

Palavras-chave:

Autismo. Comunicação. Linguagem.

RESUMEN

El Trastorno del Espectro Autista es un síndrome cuyas principales características son problemas relacionados con el desarrollo de la comunicación, la socialización y el comportamiento. Este síndrome hace que el individuo autista presente individualidades específicas como dificultades de comunicación, patrones repetitivos y movimientos estereotipados. Dado lo anterior, este trabajo tiene como objetivo presentar una discusión teórica sobre el desarrollo del lenguaje de la persona autista. Como metodología se utilizó una encuesta bibliográfica. Para ello, se realizó una búsqueda en las bases de datos *Scopus* y *Google Academic*, utilizando los términos “Autismo” e “idio-

ma”. Los artículos que componen este trabajo fueron seleccionados mediante una lectura descriptiva. La capacidad de una persona autista para comunicarse y utilizar el lenguaje depende del nivel de intensidad del autismo, los niveles 1, 2 y 3 describen la gravedad de los síntomas autistas, en áreas sociales y conductuales. La persona autista puede ser verbal o no verbal. Los autistas verbales son capaces de usar el lenguaje, sin embargo muchos tienen dificultades en la comunicación, en el lenguaje receptivo y el lenguaje expresivo, haciendo que la comunicación esté fuera de contexto para algunos, mientras que los autistas no verbales generalmente no desarrollan el habla de una manera funcional, esta persona autista no puede usar el idioma para comunicarse. Las personas más cercanas a la persona autista (familia, profesores y terapeutas) son importantes para estimular el lenguaje o forma de comunicarse autista, ya que existen estrategias que pueden resultar efectivas para que la persona autista se comunique. Cabe señalar que la persona autista necesita ser estimulada para interactuar con el mundo externo.

Palabras clave:

Autismo. Comunicación. Idioma.

1. Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) vem sendo observado há diversos anos por diversos profissionais e pesquisadores, entretanto, ele continua sendo um grande desafio, por este motivo, o TEA vem despertando cada vez mais interesse do ambiente acadêmico, devido à necessidade de desmistificar este transtorno que apresenta diversas controvérsias (Cf. LACERDA, 2017).

A palavra autismo possui origem grega e significa “por si mesmo”, sendo um termo utilizado para designar pessoas que possuem comportamentos atípicos, centralizados para si, ou seja, indivíduos voltados para seu eu, para suas necessidades, independente do “outro”, não demonstrando interesse em estar, em interagir e se importar com outros indivíduos (Cf. FILHO-MAIA *et al.*, 2016). Esta síndrome faz com que o indivíduo autista apresente individualidades específicas como dificuldades de se comunicar, padrões repetitivos e movimentos estereotipados (Cf. MAS, 2018).

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo geral apresentar uma discussão teórica a respeito do desenvolvimento da linguagem do autista. Para tanto, os objetivos específicos se dividem em: elucidar o transtorno do Espectro Autista, assim como, esclarecer como que se dá a linguagem dentro do espectro.

A metodologia é de cunho bibliográfico com pesquisa em livros técnicos, revistas acadêmico-científicas, reportagens e *sites* da *Internet* que apresentam estudos sobre a temática em evidência, dentre eles a

Scopus e *Google Acadêmico*. A revisão de literatura caracteriza-se como uma releitura de um determinado assunto a partir de uma análise dos documentos já publicados acerca do tema proposto. Os termos utilizados para a busca foram “Autismo” e “linguagem”. Os artigos que compõem esse trabalho foram selecionados por meio de uma leitura descritiva.

2. O Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O transtorno do espectro autista foi observado há tempos e sua nomenclatura veio sendo diversificada através de estudos, para que ela descrevesse a clareza que o transtorno representa (Cf. CAVALCANTI; ROCHA, 2002). Por volta de 1908, Theodor Heller, austríaco, descrevia sobre uma síndrome descoberta através de uma análise realizada com seis crianças, que apresentavam a idade de 2 a 10 anos, em que as crianças investigadas apresentavam regressão em seu desenvolvimento. Em suas primeiras observações, detectou que as crianças estavam deixando de interagir, desde as brincadeiras do dia a dia, e perdendo o controle dos esfíncteres (Cf. CDC, 2021). Theodor Heller, através das suas observações, concluiu que se tratava de uma síndrome rara, onde ele descreveu a Síndrome de Heller, tirando esses indivíduos da demência infantil.

O transtorno do espectro autista (TEA) apresenta prejuízos significativos na comunicação, interação social e falta de atividades imaginativas, sendo substituída através de comportamento repetitivos e estereotipados (Cf. FADDA; CURY, 2016).

O psiquiatra infantil, Léo Kanner, foi o primeiro a descrever o TEA e sua observação foi ao estudar um grupo de 11 crianças com idade diversificadas, entre 2 a 11 anos, esse grupo era composto de 8 meninos e 3 meninas, o quadro comportamental que as crianças apresentavam eram isolamento extremo, atividades repetitivas e estereotipadas, possuíam uma aparente incapacidade inata de relacionamento com pessoas e intensa resistência a mudanças, importante relacionar que desde a primeira descrição de Leo Kanner, observou-se variação das crianças em níveis de isolamento, onde nomeou o quadro apresentado de Distúrbio Autístico do Contato Afetivo (Cf. ORRÚ, 2012).

O transtorno do espectro autista representa um grupo heterogêneo que apresentam condições que interferem no desenvolvimento neurocognitivo e implicam o desenvolvimento da interação social e linguagem (Cf. RIBEIRO, 2014).

Outros estudos sobre o TEA em seguida a Kanner surgiram, porém a relação entre autismo e esquizofrenia, deixaram de se correlacionados pelo fato que a esquizofrenia não se manifesta nos primeiros anos de vida, sendo o transtorno do espectro autista ser considerado nato (Cf. SOUZA; CUNHA, 2014).

No Brasil, mediante a vista de tantos avanços nas pesquisas, não era possível dar um diagnóstico do autismo, sendo necessário acompanhar o DSM-II, onde as crianças com TEA recebiam o código 259-80, relacionado a esquizofrenia infantil (Cf. SHIBUKAWA, 2013).

Um grande avanço surgiu com Rutter, no ano de 1978, onde apontou quatro critérios para o transtorno do espectro autista, sendo eles: Início precoce por volta dos dois anos e meio de idade; Prejuízo no desenvolvimento social; Prejuízo da comunicação e, Comportamentos não usuais, como por exemplo, a resistência à mudança (Cf. SHIBUKAWA, 2013).

Os critérios apresentados foram aceitos no Brasil, especificamente a partir da definição do DSM-III, onde contribuiu com avanços relacionados na classificação dos transtornos de desenvolvimento infantil, abrangendo uma definição mais assertiva ao transtorno do espectro autista (Cf. SANTOS, 2008). No entanto, sabe-se que anteriormente as crianças eram classificadas como crianças atípicas, com esquizofrenia infantil e psicose simbólica.

Posteriormente, o DSM-IV, que fez a integração do transtorno do espectro autista, os transtornos que fizeram parte dessa inclusão: a síndrome de Asperger, a síndrome de Rett, Transtorno Desintegrativo da Infância, como transtornos abrangentes do desenvolvimento (Cf. SANTOS, 2008).

Com a atualização do DSM-V, o manual descreve o transtorno do espectro autista como um transtorno do neurodesenvolvimento que se caracteriza por: dificuldade na interação social, comportamento e comunicação.

Na fase inicial, da vida humana é importante observar os sinais do TEA, para poder iniciar as intervenções precoces (Cf. PINTO *et al.*, 2016), sabe-se que o autismo não há cura, mas a intervenção precoce corrobora para um melhor prognóstico, dessa forma a observação de quem convive com esses indivíduos, devem estar atentos aos sinais do TEA, para que os familiares possam buscar o diagnóstico precoce e contribuir de forma significativa no progresso dos desenvolvimentos de seus filhos.

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos (Cf. FADDA; CURY, 2016). Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Considerando que os sintomas mudam com o desenvolvimento, podendo ser mascarados por mecanismos compensatórios, os critérios diagnósticos podem ser preenchidos com base em informações retrospectivas, embora a apresentação atual deva causar prejuízo significativo (Cf. FADDA; CURY, 2016).

Torna-se primordial despertar que cada criança autista é única, possui seu jeito individual de ser e não há um desenvolvimento padronizado de evolução, dependerá de seu nível e estímulos recebidos. O uso atual da nomenclatura TEA abrange distintos níveis do transtorno, classificados entre leve, moderado e severo, o que se resume no Quadro 1.

Quadro 1: Níveis de gravidade para o TEA.

Nível	Aspectos de comunicação social	Comportamentos restritos e repetitivos
Nível 1	Prejuízos notáveis nos <i>deficits</i> da comunicação social; dificuldade nas interações sociais; interesse reduzido por interações sociais.	Comportamento inflexível; dificuldade em mudar de atividades repentinamente; problemas de organização e planejamento.
Nível 2	Apresenta <i>deficits</i> graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal em aberturas sociais partindo de outros.	Comportamento inflexível; dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual; Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.
Nível 3	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal, que causam prejuízos graves de funcionamento; grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais partindo de outros.	Inflexibilidade de comportamento; extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos o que interfere acenadamente no funcionamento em todas as esferas; Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Ainda não existem exames laboratoriais para detectar o TEA. O diagnóstico é realizado através de observações comportamentais, que seguem padrões em todo o mundo através Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), que contém as características comportamentais do transtorno. Observa-se que o termo “autismo” sofreu diversas alterações, e hoje classificado como TEA, expressão que foi adotada pela Associação Americana de Psicologia (APA) depois de entrar em vigor o DSM-5. O diagnóstico é prescrito através do CID, atualmente o CID-10, de acordo com Souza (2015) esse manual classifica o TEA como desenvolvimento anormal, na qual o indivíduo apresenta perturbações em áreas sociais como: interações sociais, comunicação e comportamento.

3. *A linguagem no TEA*

Segundo relato de Silva (2020) somos estritamente seres sociais, por isso há uma necessidade de instituir vínculos interpessoais, onde torna-se a linguagem verbal ou não verbal, a mediação desse processo. É por intermédio da linguagem que o indivíduo se adequa a sua realidade com o mundo, compartilhando suas ideias, informações, com o seu próximo, tornando os seres capazes de desenvolver sua forma de pensar e agir de forma mais assertiva. De acordo com Miilher (2009).

O homem é o único animal capaz de utilizar símbolos para comunicar-se. Esta capacidade simbólica não apenas é um marco entre as espécies, mas é socialmente, um marco interindivíduos. Sabe-se que melhores comunicadores mostram melhores índices de sociabilidade e tendem a ser emocionalmente mais saudáveis e satisfeitos (Cf. MILHER 2009, p. 16).

A comunicação torna-se mais fácil, através da linguagem. A habilidade de comunicar, através de símbolos e sinais, é classificada como alícerce para construção da sociedade, dessa forma, o homem busca desenvolver diversos modelos de comunicação. Eventualmente, a comunicação considerável, pode não ser definida, fato observado com Transtorno do Espectro Autista (TEA) (Cf. BRASIL, 2015; FAÉ *et al.*, 2018).

Silva (2020) considera que os indivíduos com TEA, apresentam barreiras comunicativas utilitárias, ou seja, os indivíduos com TEA, podem apresentar um repertório de palavras ou até mesmo a construção de frases complexas, porém muitos, não conseguem apresentar de forma contextual ou adequada, dificultando a mensagem, a troca de ideias e seu relacionamento social. De acordo com Fiore-Correia *et al.* (2010).

Sua definição envolve prejuízos qualitativos em três áreas principais: interações sociais, com a criança apresentando déficits severos em sua capacidade de iniciar, responder, manter ou estabelecer interações com as pessoas; comunicação, tanto considerando comportamentos comunicativos não verbais, como gestos e sorrisos, e comportamentos comunicativos verbais, como vocalizações e fala; e comportamento – a criança apresenta comportamentos e interesses restritos e repetitivos (Cf. FIORE-CORREIA *et al.* 2010, p. 100).

Mizael e Aiello (2013) especifica que as características do TEA, é na utilização incorreta de ecolalia, estereotípias, movimentos repetitivos e a utilização incorreta de pronomes. O indivíduo com TEA utiliza as características citadas anteriormente, que basicamente, são reconhecidas por especialistas como um indivíduo com TEA, a ecolalia é a repetição de palavras involuntárias, ou seja, ele ouve uma palavra ou frase e consegue repeti-la de forma insistente fora do contexto, da mesma forma o indivíduo com TEA, usa o pronome de forma diferente no contexto, ele não relata que, por exemplo: “eu quero água”, e sim “Rafael quer água”.

Diante dos fatos citados, é importante desmistificar que a comunicação do indivíduo com TEA, é possível ser estimulada, para que ele consiga se comunicar, da forma mais precisa, dessa forma, até o indivíduo com TEA não verbal consegue através de gestos e imagens se comunicar, desde que sejam estimulados de forma correta, por especialistas. As estratégias mais utilizadas são utilização de Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS), uso de equipamentos de alta tecnologia a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) (Cf. MIZAEI; AIELLO, 2013).

Como o indivíduo com TEA, são indivíduos únicos, cada um se encontra dentro de um nível, uns são verbais e outros não, as estratégias existem e cada um vai apresentar sua facilidade mediante esse universo de estratégias apresentadas.

4. Considerações finais

O autista pode ser verbal ou não verbal. Os autistas verbais conseguem utilizar a linguagem, entretanto muitos apresentam dificuldades na comunicação, na linguagem receptiva e linguagem expressiva, tornando para alguns a comunicação fora do contexto, enquanto os autistas não verbais costumam não desenvolver a fala de forma funcional, esse autista não consegue utilizar a linguagem para se comunicar.

As pessoas mais próximas do autista (família, professoras e terapeutas) são importantes para estimular a linguagem ou a forma de comunicação dos autistas, uma vez que existem estratégias que podem ser eficazes para que o autista consiga se comunicar. É preciso destacar que o autista precisa ser estimulado a interagir com o mundo externo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 156p.

CAVALCANTI, A. E. R.; ROCHA, P. S. *Autismo: clínica psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). *Signs and Symptoms of Autism Spectrum Disorders Centers for disease control and prevention (CDC)*. Disponível em: <https://www.cdc.gov/ncbddd/autism/signs.html>. Acesso em: 29 abr. 2021.

FADDA, G. M.; CURY, V. E. O enigma do autismo: contribuições sobre a etiologia do transtorno. *Psicologia em Estudo*, v. 21, n. 3, p. 411-23, 25 nov. 2016.

FAÉ, I. G.; AZEVEDO, P. G.; SALES, A. L. B. C.; RIBEIRO, P. C.; MARES, Y. S.; MELO, F. M.; LOMBARDI, A. B. Diagnóstico diferencial entre transtornos de espectro autista e transtorno específico de linguagem receptivo e expressivo: uma revisão integrativa. *Revista Médica de Minas Gerais*, v. 28, Supl. 6, 2018.

FIORE-CORREIA, O. B.; LAMPREIA, C.; SOLLERO-DE-CAMPOS, L.; SILVA, F. C. As falhas na emergência da autoconsciência na criança autista. *Psicologia Clínica*, v. 22, n. 1, p. 99-121, Rio de Janeiro, 2010.

FILHO MAIA, A. L. M.; NOGUEIRA, L. A. N. M.; SILVA, K. C. O.; SANTIAGO, R. F. A importância da família no cuidado da criança autista. *Rev. Saúde em Foco*, v. 3, n. 1, art. 1, p. 66-83, Teresina, jan./jun. 2016.

LARCERDA, L. *Transtorno do Espectro Autista: uma brevíssima introdução*. 1. ed. Curitiba: CRV, 2017.

MAS, N. A. *Transtorno do Espectro Autista- história da construção de um diálogo*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em

Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018. 130f.

MIILHER, L. P. *Linguagem nos transtornos do espectro autístico: relações entre uso, forma e conteúdo*. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. 149f.

MIZAEL, T. M.; AIELLO, A. L. R. Revisão de estudos sobre o Picture Exchange Communication System (PECS) para o ensino de linguagem a indivíduos com autismo e outras dificuldades de fala. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 19, n. 4, p. 623-36, Marília, 2013.

ORRÚ, E. S. *Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

PINTO, R. N. *et al.* Autismo Infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. *Rev. Gaúcha Enferm.*, v. 37, n. 3, Porto Alegre, 2016.

SANTOS, A. M. T. *Autismo: desafio na alfabetização e no convívio escolar*. São Paulo: CRDA, 2008.

SILVA, E. A. M. E.; Transtorno do espectro autista (tea) e a linguagem: a importância de desenvolver a comunicação. *Revista Psicologia & Saberes*, v. 9, n. 18, 2020.

SOUZA, C. F. O. B. A.; CUNHA, E. Adaptação curricular para alunos com autismo: estratégias para alfabetização de crianças com necessidades educacionais especiais. *Revista Científica CENSUPEG*, n. 4, p. 69-82, 2014.

SOUZA, A. C. *Famílias de crianças autistas: compreendendo a participação e os desafios por meio do olhar paterno*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação Especial, Universidade de São Carlos, São Paulo, 2015. 187f.

SHIBUKAWA, P. H. *Inclusão escolar de um aluno com autismo: descrevendo práticas de alfabetização em uma escola pública – ciclo I*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, 2013.